

Percepção de alunos do ensino médio de uma escola pública no Ceará sobre Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST)

Francisca Alice Cordeiro da Silva¹

Wemenes José Lima Silva²

Maria Letícia Silva dos Santos³

Carlos Antônio Sombra Junior⁴

Romualdo Lunguinho Leite⁵

Camila Tâmires Alves Oliveira⁶

Resumo: A adolescência é uma fase de impulsividades e com o início da vida sexual, os adolescentes ficam vulneráveis à Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST). Portanto, esta pesquisa teve como objetivos investigar o nível de conhecimento dos estudantes de uma escola de ensino médio sobre infecções sexualmente transmissíveis; identificar se possuem comportamento sexual de risco e; analisar se a escola é relevante para o conhecimento sobre infecções sexualmente transmissíveis. A pesquisa envolveu 79 estudantes de uma escola profissionalizante, situada no vale do Jaguaribe no estado do Ceará, Brasil. Os resultados apontaram que 77% dos alunos alegaram conhecer IST, sendo a Síndrome da Imunodeficiência

1 Graduanda do Curso de Ciências Biológicas da Universidade Estadual do Ceará - UECE, alicebio7silva@gmail.com;

2 Graduado pelo Curso de Ciências Biológicas da Universidade Estadual do Ceará - UECE, wemenes.lima1996@gmail.com;

3 Graduanda do Curso de Ciências Biológicas da Universidade Estadual do Ceará - UECE, silva.letti20@gmail.com;

4 Mestre pelo Curso de Ciência Animal da Universidade Federal Rural do Semi-Árido - UFRSA, Professor da Universidade Estadual do Ceará, car.sombra@uece.br.

5 Mestre pelo Curso de Desenvolvimento e Meio Ambiente - PRODEMA pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB - Professor da Universidade Estadual do Ceará – UECE, romualdo.leite@uece.br.

6 Doutoranda pelo Curso de Ciência Animal da Universidade Federal Rural do Semi-árido - UFRSA, Professora da Universidade Estadual do Ceará - UECE, camilatamires.alves@uece.br.

Adquirida (AIDS) a infecção mais citada. Sobre a vida sexual, 31,6% dos alunos alegaram serem ativos, destes, 56% não fazem uso do preservativo. Portanto, conclui-se que os adolescentes possuem conhecimento sobre IST, embora insuficientes, pois ainda optam por não utilizarem o preservativo, apresentando assim comportamento sexual de risco.

Palavras-chave: Adolescência, Conhecimento, Contexto Escolar.

Introdução

A adolescência é um período muito importante no qual ocorrem mudanças intelectuais, nos interesses, atitudes e pensamentos, e por esse motivo é caracterizado como uma fase difícil, tanto para os jovens quanto para os pais e professores, pois, além das mudanças físicas, incluindo as sexuais, ocorrem mudanças comportamentais (CÂMARA, *et al.*, 2012). A imaturidade, pode tornar os adolescentes vulneráveis a situações perigosas (NGELUN-TODD, 2002), uma vez que é na adolescência que os indivíduos costumam iniciar sua vida sexual, tendendo a ficar mais suscetíveis a Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST).

As infecções sexualmente transmissíveis (IST) são causadas por mais de 30 agentes etiológicos, podendo ser transmitidas através de três vias: contato sexual, transfusão sanguínea e da mãe para a criança, durante a gestação, parto ou amamentação. Um milhão de pessoas são infectadas por uma IST diariamente e a cada ano, cerca de 500 milhões de pessoas adquirem IST curáveis, sendo ela: gonorreia, clamídia, sífilis e tricomoníase. Além disso, estima-se que 530 milhões de pessoas estejam infectadas com o vírus do herpes genital e que mais de 290 milhões de mulheres estejam infectados pelo HPV (BRASIL, 2015). Mesmo com a elevada quantidade de pessoas com infecções sexualmente transmissíveis, as informações sobre formas de prevenção, principalmente entre adolescentes e jovens, ainda são pouco difundidas, fato que torna este grupo mais vulnerável, pois além de possuírem conhecimento insuficiente sobre as infecções transmitidas por via sexual, se tornam sexualmente ativos cada vez mais jovens (NERY, *et al.*, 2015).

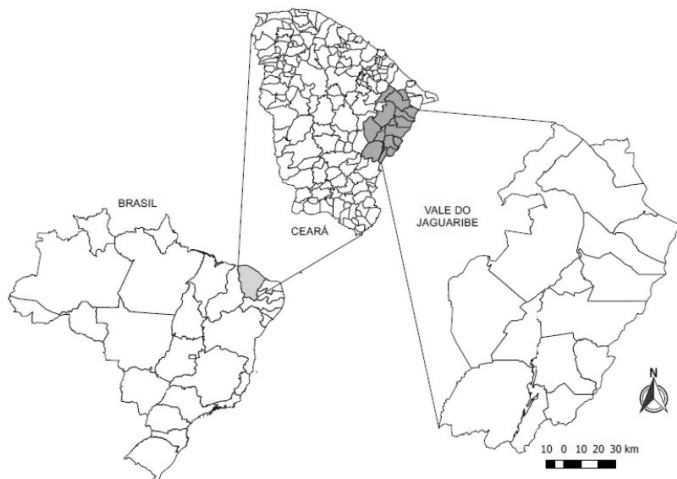
Assim, mediante a grande importância que os jovens adquiram conhecimento sobre os riscos das IST este estudo teve como objetivos (i) investigar o nível de conhecimento dos estudantes de uma escola de ensino médio sobre infecções sexualmente transmissíveis (ii) identificar se os discentes possuem comportamento sexual de risco e; (iii) analisar se a escola localizada no Vale do Jaguaribe é importante para o conhecimento adquirido sobre infecções sexualmente transmissíveis.

Metodologia

Este estudo foi realizado com alunos de uma escola pública de ensino médio profissionalizante entre os dias 22 a 26 de novembro de 2019 localizada no estado do Ceará, na região do Vale do Jaguaribe (Figura 1), situada

na zona urbana. A escola possui doze turmas, sendo 4 para cada série (1^a, 2^a e 3^a série). Participaram desta pesquisa 79 estudantes de três turmas diferentes. A identidade dos alunos foi preservada atribuindo um número de identificação para, garantir privacidade e sigilo de acordo com as recomendações da Resolução N.º 466/12 do Conselho de Ética (BRASIL, 2012).

Figura 1: Localização da região onde está situada a escola na qual a pesquisa foi realizada.



As informações foram obtidas a partir de um questionário semiestruturado contendo perguntas abertas para identificar o nível de conhecimento e informações que os discentes possuem sobre infecções sexualmente transmissíveis, assim como determinar se a escola favoreceu a aprendizagem dos mesmos sobre o tema. Após a utilização do questionário as respostas foram analisadas e categorizadas conforme Bardin (2011).

A pesquisa tem caráter descritivo, uma vez que têm como objetivo primordial averiguar o nível de conhecimento de um grupo de pessoas acerca de uma temática da saúde. Com relação ao delineamento da pesquisa, ela se caracteriza como levantamento de campo, pois os alunos foram questionados diretamente por intermédio de um questionário (GIL, 2008). O enfoque da pesquisa foi quanti-qualitativo definida como um procedimento de coleta de dados e análise onde técnicas quantitativas e qualitativas são combinadas, proporcionando melhores possibilidades analíticas (CRESWELL, 2009).

Resultados e Discussão

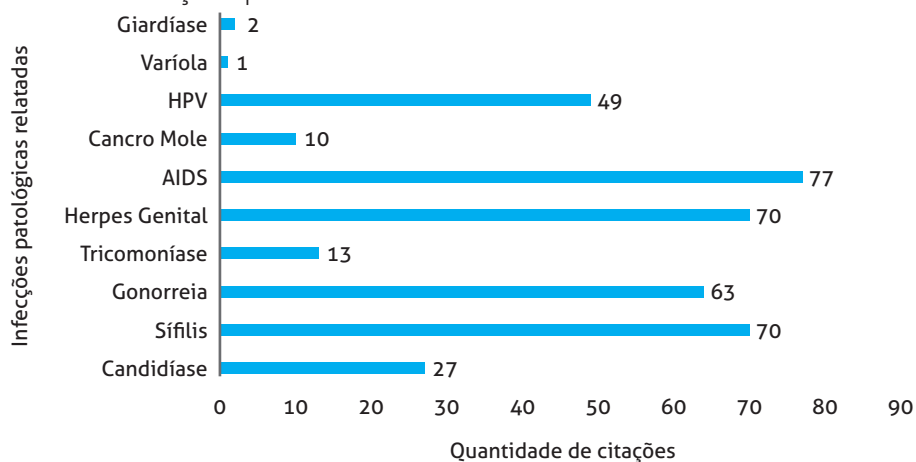
O perfil etário dos estudantes correspondeu a faixa etária entre 16 a 20 anos, sendo o maior número de alunos com 17 anos, equivalente a 52 alunos (65,85%), seguida da faixa etária de 18 anos, com 24 estudantes (30,40%). A menor quantidade de discentes foi correspondente as idades de 16, 19 e 20 anos, com apenas 1 estudante (1,25%) para cada idade. Quanto ao gênero sexual dos discentes ocorreu prevalência do sexo feminino, sendo 41 estudantes (51,90%) do sexo feminino e 32 (40,50%) do sexo masculino; contudo, 6 escolares (7,60%) optaram por não responder a este questionamento.

A maioria dos estudantes entrevistados são adolescentes ou jovens. Como indicado pela Organização Mundial de Saúde, o período de adolescência corresponde a faixa etária entre 10 a 19 anos e a juventude se estende entre 20 a 24 anos (PAPALIA; FELDMAN, 2013). Segundo Martins (2010) a idade é um dos fatores que contribuem para o adolescente contrair IST, pois nesta fase ocorrem mudanças físicas e psicológicas que induzem este grupo a prática sexual, muitas vezes sem a devida proteção. A utilização deste critério cronológico é importante devido aos aspectos que devem ser monitorados como por exemplo, os epidemiológicos, além de ser útil para a criação de políticas públicas de saúde. Contudo, em relação ao aspecto público, somente a faixa etária não é suficiente para a criação de políticas públicas de saúde, sendo necessário averiguar os critérios biológicos e psicológicos (BRASIL, 2007).

Quando os discentes foram questionados se sabiam o que eram Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST), 77 alunos (97,5%) responderam que sim, 1 aluno (1,3%) respondeu que não e 1 aluno (1,3%) optou por não responder. Provavelmente este estudante respondeu que não conhecia o que são IST por desconhecer a mudança de nomenclatura de DST (Doença Sexualmente Transmissíveis) para IST. Esta modificação na nomenclatura ocorreu porque o termo doença remetia a uma patologia que possui sintomas, contudo foi observado que o sujeito pode contrair e transmitir o patógeno e não ser acometido por nenhum sintoma (BRASIL, 2016, BRASIL, 2013-2020).

Para averiguar o conhecimento dos participantes acerca das infecções sexualmente transmissíveis, lhes foram apresentadas uma listagem de IST e não-IST para que os mesmos pudessem identificar as infecções sexualmente transmissíveis. Foi constatado que entre as IST, três se destacaram: AIDS que obteve 77 citações (97,5%), herpes genital e sífilis, ambas possuindo um total de 70 citações (88,6%). As infecções menos assinaladas foram: giardíase (2,5%) e varíola (1,3%) (Gráfico 1).

Gráfico 1: Infecções que os alunos consideram como sexualmente transmissíveis.

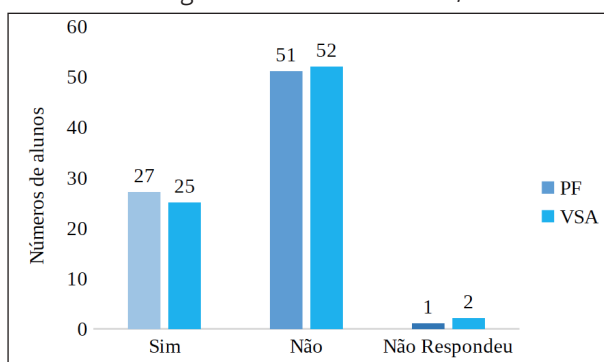


Martins (2010) ao realizar uma pesquisa em Lisboa, sobre a capacidade dos alunos em reconhecer a AIDS como uma IST utilizando uma amostragem de 590 alunos, constatou que 82,6% (N= 582) dos alunos selecionaram AIDS como uma IST, contudo apenas 8,2% (N=48) dos entrevistados apontaram candidíase como uma infecção, 4,4% (N=26) identificaram clamídia como uma IST, 3,1% (N=19) apontaram sarna e 2,4% (N=14) indicaram tricomoníase. Também detectaram a seleção errônea de patologias que não são sexualmente transmissíveis, assim 5,8 % (N= 34) dos alunos assinalaram tuberculose e 3,2% (N=19) assinalaram doença do sono. No nosso estudo, dois alunos marcaram varíola e um discente identificou giardiase como IST. Na pesquisa de Krabbe e colaboradores (2016) as IST mais citadas foram AIDS, seguida de sífilis e HPV. Diferente do presente estudo apenas 230 alunos (52%) sabiam que herpes genital é transmitido sexualmente.

Quando questionados acerca da vida sexual ativa, 25 alunos (31,6%) afirmaram ser sexualmente ativos. Por sua vez, 27 alunos (34,2%) disseram possuir parceiros fixos, sendo a discrepância entre os dados equivalentes a 2 alunos (Gráfico 02). A partir dos resultados obtidos foi constatado que os alunos que possuem vida sexual ativa também apresentam um parceiro sexual fixo. Manter relações com um parceiro fixo pode parecer vantajoso, entretanto tal situação induz a prática de relações sexuais sem uso de preservativo, único método que evita a transmissão de IST (TRONCO; DELL'AGLIO, 2012). Assim, os adolescentes optam pelo uso de métodos anticoncepcionais, uma vez que a maior preocupação dos casais modernos, e mais especificamente, das mulheres, é evitar gravidez (TRONCO; DELL'AGLIO,

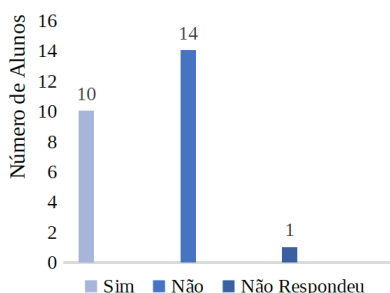
2012). Tal comportamento pode ser perigoso, em razão das relações serem temporárias, e as pessoas estarem sujeitas a traições conjugais, pois um dos parceiros poderia facilmente se infectar e transmitir para seu/sua conjugue, caso os mesmos não sejam adeptos ao uso do preservativo.

Gráfico 02: Relação cruzada entre os adolescentes com vida sexual ativa e adolescentes com parceiros fixos. Legenda: PF – Parceiro Fixo; VSA – Vida Sexual ativa.



Dentre os alunos com vida sexual ativa, 10 discentes (40%) responderam que utilizam preservativo, entretanto, 14 estudantes (56%) responderam que não utilizavam o método de prevenção de IST. Apenas um aluno (4%) não respondeu ao questionamento (Gráfico 03). Entre os alunos que afirmaram utilizar o preservativo, a principal justificativa foi evitar uma gravidez indesejada e/ou uma IST. Um aluno ainda afirmou que: "Uso de preservativo em relações homossexuais é indispensável". Os alunos que não faziam uso de preservativo afirmaram que a camisinha atrapalhava as sensações prazerosas, outros disseram não usar por "nem sempre ter o preservativo a disposição".

Gráfico 03: Utilização de preservativo.

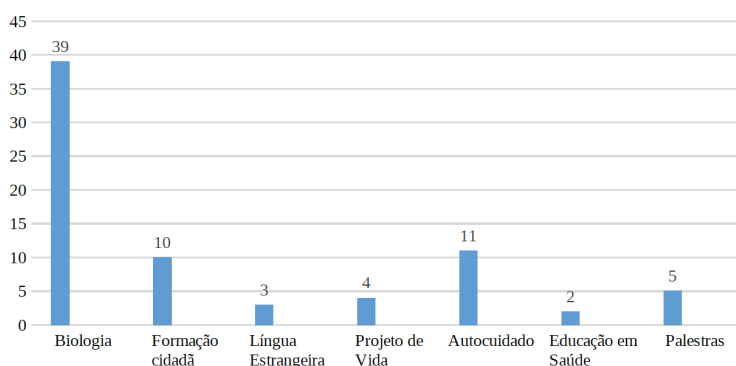


A Organização Mundial da Saúde (WHO, 2009) afirma que o uso correto da camisinha masculina reduz a transmissão sexual de IST tanto em contato vaginal quanto anal em aproximadamente 94%. O preservativo é o principal método para garantir a saúde individual e coletiva, por isso é de grande relevância a orientação de adolescentes sobre a importância do seu uso nas relações sexuais e o uso de outros métodos contraceptivos, tendo esse adolescente vida sexual ativa ou não (FREITAS, *et al.*, 2013).

Segundo a Pesquisa Nacional de Saúde Escolar (IBGE, 2016) os adolescentes se tornam sexualmente ativos entre 13 a 15 anos, especialmente no sexo masculino. Destes, aproximadamente 60% fizeram uso de preservativo na sexarca e esse percentual se mantém para o uso do preservativo na última relação sexual. Em relação ao uso de métodos contraceptivos, este mesmo estudo aponta que 70% dos adolescentes entre 16 e 17 anos já utilizaram algum método contraceptivo (IBGE, 2016). Tal porcentagem difere dos resultados apresentados neste estudo e isto aconteceu, provavelmente devido à baixa amostragem. Segundo o Ministério da Saúde 29,6% dos adolescentes não fazem uso de preservativo, sendo que a principal justificativa é não terem o preservativo no momento do ato sexual (BRASIL, 2009).

Ao serem questionados em quais disciplinas o tema IST foi abordado, sete disciplinas foram citadas, sendo a mais apontada a disciplina de Biologia, mencionada por 39 alunos (49,4%), seguida por Autocuidado com 11 citações (13,9%) e Formação Cidadã indicada por 10 discentes (12,65%) (Gráfico 04).

Gráfico 04: Disciplinas ou eventos da escola que abordaram o tema de IST segundo os discentes.



Apesar do tema ser exposto na escola, segundo os discentes, ele ainda é pouco frequente. O total de 6 estudantes (7,6%) citaram que eventos

tratando sobre a temática IST aconteceram uma vez ao ano, 17 discentes (21,5%) responderam que a abordagem da temática ocorreu apenas durante as aulas de biologia com o assunto referente a reprodução humana e 27 alunos (34%) não responderam a indagação.

Conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) o Ensino de Saúde é considerado um tema transversal. De acordo com Brasil (1997) a educação em saúde além de trabalhar com assuntos sobre anatomia feminina e masculina dos órgãos genitais deve ser trabalhado assuntos como gravidez, contraceptivos e formas de prevenção de doenças sexualmente transmissíveis. Contudo, esta abordagem está apenas inclusa para as turmas de ensino fundamental, não havendo uma continuidade para o ensino médio, isso justifica a ínfima quantidade de aulas ou atividades relacionadas a educação sexual sendo desenvolvidas para os adolescentes durante o período escolar. Dessa forma, há uma carência na disseminação desse tema através da escola refletindo na falta de informações sobre IST e formas de prevenção entre os adolescentes (CIRIACO, *et al.*, 2019). A versão final da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) homologada em 2018, propõe que a temática de educação sexual deve estar presente apenas no ensino fundamental, para as turmas de oitavo ano. Isto é bastante preocupante, pois este novo documento deveria atuar com a finalidade de expandir a educação sexual nas escolas, visando levar maiores informações aos estudantes.

Dentre os entrevistados, 78 alunos (99%) acreditam que a escola deveria trabalhar mais com a temática de educação sexual. Dentre as justificativas descritas pelos participantes se destacaram a disseminação de métodos de prevenção, aquisição de conhecimento sobre o assunto; importância do preservativo para evitar IST e sintomas. Seis alunos (8%) destacaram a importância da educação sexual nas escolas pois existe pouco diálogo desse assunto com os pais. Um aluno (1%) justificou como necessária a abordagem do tema nas escolas devido as mudanças corporais que acontecem nos adolescentes, permitindo assim que este grupo possa compreender melhor a fase pela qual estão passando.

Krabbe e colaboradores (2016) e Brasil (2009) afirmam que o jovem está iniciando sua vida sexual cada vez mais precocemente, dessa forma a educação sexual deve ser trabalhada com os jovens. Um local ideal para essa temática ser abordada seria a escola, pois a mesma é encarregada de oferecer educação em diversas áreas, como também é um ambiente apropriado para o diálogo entre professores, alunos e profissionais da saúde. Nota-se a relevância que a escola possui em desenvolver atividades ligadas a educação sexual para com os jovens. Essa importância pode ser observada

através da resposta de um dos participantes segundo o qual ocorre a falta de diálogo sobre essa temática com os pais.

A falta de diálogo sobre o assunto também foi observada na pesquisa realizada por Nascimento e Lopes (2000), no qual foi demonstrado que os adolescentes não falavam abertamente com os pais sobre temas relacionados a sexo.

Dentre os motivos dessa falta de diálogo estão o fato de os jovens não gostarem de falar desse assunto, a falta de conhecimento que os pais possuem, falta de oportunidade ou até mesmo por alguns jovens não possuírem pais (NASCIMENTO; LOPES, 2000). Os pais são as primeiras pessoas que os jovens utilizam como referência, assim quando não acontece o esclarecimento de dúvidas por parte dos pais, os filhos podem ser prejudicados ao se exporem a situações de risco que poderiam ser evitadas através do diálogo (KRABBE, *et al.*, 2016).

Considerações Finais

A partir desta pesquisa foi possível constatar que a maioria dos estudantes que participaram deste estudo possui conhecimento sobre IST, apresentando mais compreensão sobre AIDS/HIV devido à grande divulgação desta patologia pelos órgãos de saúde. É possível concluir que os estudantes possuem comportamento sexual de risco, pois apesar de todos os adolescentes sexualmente ativos possuírem parceiros fixos, optam por não utilizar preservativos, situação que os colocam em risco devido a possibilidade de serem acometidos por infecções sexualmente transmissíveis devido aos relacionamentos temporários e troca de parceiros. Na escola pesquisada, a temática sobre IST foi divulgada, contudo, não o suficiente para o esclarecimento de dúvidas e formas de prevenção. A escola é um local que contribui para a formação dos estudantes, sendo um dos locais capazes de possibilitar o aprendizado sobre educação sexual, contudo ressalta-se a importância da presença da família e do governo auxiliando nesta educação, pois formar cidadãos conscientes, críticos e responsáveis não é apenas um dever da escola, pois a família, juntamente com a sociedade devem trabalhar para o aconselhamento dos jovens sobre este tema.

Agradecimentos e Apoios

A escola e aos alunos que de forma voluntária participaram da pesquisa.

Ao professor de Biologia da escola que cedeu seu horário de aula.

Aos professores orientadores e aos colegas colaboradores da pesquisa.

Referências

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular: educação é a base**. Brasília: Ministério da Educação, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf>. Acesso em: 30 Mai. 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. Departamento de DST, AIDS e hepatites virais. **Protocolo clínico e diretrizes terapêuticas para atenção integral às pessoas com infecções sexualmente transmissíveis**. 2015.

_____. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução n. 466, de 12 de dezembro de 2012**. Aprova diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Brasília, **Diário Oficial da União**, 12 dez. 2012.

_____. Ministério da Saúde. Departamento de Doenças de Condições Crônicas e Infecções Sexualmente Transmissíveis. **Departamento passa a utilizar nomenclatura "IST" no lugar de "DST"**, 2016. Disponível em: <https://www.aids.gov.br/pt-br/noticias/departamento-passa-utilizar-nomenclatura-ist-no-lugar-de-dst>>. Acesso em: 20 Jan. 2020.

_____. Ministério da Saúde. **Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST): o que são, quais são e como prevenir**, 2013-2020. Disponível em <<http://saude.gov.br/saude-de-a-z/infecoes-sexualmente-transmissiveis-ist>>. Acesso em: 20 de Janeiro de 2020.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Direitos sexuais, reprodutivos e métodos anticoncepcionais**. Brasília: Ministério da Saúde, 2009.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde do Adolescente e do Jovem. **Marco Legal: saúde, um direito de adolescentes**. Brasília: Ministério da Saúde, 2007, 60 p.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ciências Naturais**. Brasília: MEC/SEF, 1997, 136 p.

CÂMARA, S.G.; DE CASTRO AERTS, D.R.G.; ALVES, G.G. Estilos de vida de adolescentes escolares no sul do Brasil. **Aletheia**. V. 37, 2012. p.133-148.

CIRIACO, N.L.C.; PEREIRA, L.A.A.C.; CAMPOS-JÚNIOR, P.H.A.; COSTA, R.A. A importância do conhecimento sobre Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) pelos adolescentes e a necessidade de uma abordagem que vá além das concepções biológicas. **Em Extensão**, V. 18, n. 1, 2019. p. 63-80.

CRESWELL, J.W. **Research design**: Qualitative, quantitative, and mixed methods approaches. Los angeles: University of Nebraska–Lincoln, 2009.

FREITAS, C.A.S.L, FROTA, A.O.Q.M, RIOS, A.J.S, VASCONCELOS, M.N, GOYANNA, N.F, XIMENES NETO, F.R.G. Prevenção às doenças sexualmente transmissíveis: educação em saúde com grupo de adolescentes do ensino médio. **Rev Soc Bras Enferm Ped**. V. 13, n. 2, 2013. p. 105-13.

GIL, A.C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

IBGE. **Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar**. Rio de Janeiro; 2016.

KRABBE, E.C; BRUM, M.D.; CAPELETTI, C.P.; COSTA, T.S.; MELO, M.S.; VIEIRA, P.R.; CARVALHO, T.G.M.L. Escola, sexualidade, práticas sexuais e vulnerabilidade para as Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST). **Revista Interdisciplinar de Ensino, Pesquisa e Extensão**, V. 4, n.1, 2016, p. 75- 84.

MARTINS, M.M.P.B. **Conhecimentos e comportamentos sobre algumas infecções sexualmente transmissíveis dos alunos dos ensinos básico e secundário de uma escola da área da grande Lisboa**. 2010. 101 f. Dissertação (Mestrado em Microbiologia Médica) – Universidade Nova de Lisboa, Instituto de Higiene e Medicina Tropical, Lisboa, 2010.

NASCIMENTO, L.C.S; LOPES, C.M. Atividade sexual e Doenças Sexualmente Transmissíveis em escolares do 2º grau de Rio Branco-Acre, Brasil. **Rev. Latino-am. Enfermagem**, V. 8, n.1. 2000, p. 107-113.

NERY, I.S.; GOMES, K.R.O.; BARROS, I.D.C.; GOMES, I.S.; FERNANDES, A.C.N.; VIANA, L.M.M. Fatores associados à reincidência de gravidez após gestação na adolescência no Piauí, Brasil. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, V. 24, n. 4, 2015. p. 671-680.

PAPALIA, D.E.; FELDMAN, R.D. **Desenvolvimento Humano**. 12. ed. Porto Alegre: AMGH, 2013.

TRONCO, C.B.; DELL AGLIÓ D.D. Adolescentes: Iniciação Sexual e Gênero. 254–69. Caracterização do Comportamento Sexual de **Rev InterinstitucionalPsicol**, V. 5 n. 2, 2012. p.

WHO. Priority interventions HIV/AIDS: prevention, treatment and care in the health sector, HIV/AIDS Department. 2009. Disponível em < http://www.who.int/hiv/pub/priority_interventions_web.pdf >. Acesso em: 20 de Janeiro de 2020.

YURGELUN-TODD, D. **Inside the teen brain**. 2002. Disponível em < <http://www.pbs.org/wgbh/pages/frontline/shows/teenbrain/interviews/todd.html> >. Acesso em: 20 de Janeiro de 2020.